

## UM POETA NACIONAL

### Rastreamento Gonçalves Dias em textos de historiografia da literatura brasileira

Samla Borges Canilha (mestranda Letras/PUCRS)

Antônio Gonçalves Dias, um dos principais nomes do Romantismo brasileiro, nasceu em 1823, no Maranhão, filho de um comerciante português e de uma mestiça brasileira. Apesar da infância conturbada e da conseqüente necessidade de começar a trabalhar muito cedo, o futuro poeta estudou Direito em Coimbra, onde viveu por quase oito anos, durante os quais teve contato com diversos escritores portugueses. Após esse período, ele retorna para o Brasil e se torna encarregado de diversas missões diplomáticas na Europa. É de uma delas que está voltando, bastante doente, em 1864, quando o barco em que está, já próximo à costa brasileira, encalha e naufraga. Toda a tripulação se salva, mas Gonçalves Dias, esquecido e muito fragilizado, nele permanece, acabando por falecer.

À parte uma história de vida interessante, Dias é detentor de uma obra poética rica e cara à história da literatura brasileira. Por isso, o escolhemos como objeto de análise neste rastreamento de abordagens realizadas sobre o autor em diversos livros de historiografia de nossa literatura. A seleção do *corpus* se deu principalmente a partir da presença do termo “história” no título ou subtítulo da obra, com exceção do texto de Antonio Candido, que julgamos fundamental. Fazem parte de tal seleção: *História da literatura brasileira*, de Silvio Romero; *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido; *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira – I*, de José Guilherme Merquior; e *Uma história da poesia brasileira*, de Alexei Bueno. Apresentaremos sinteticamente, em tópicos separados, as ideias de cada autor selecionado e comentaremos a abordagem que cada um realizou da obra de Gonçalves Dias. A seguir, à guisa de conclusão, retomaremos as informações a partir das relações que os textos apresentam entre si e proporemos uma hipótese relativa à presença do poeta escolhido nas histórias da literatura brasileira em geral.

#### SILVIO ROMERO

Silvio Romero foi, dentre suas diversas atividades, advogado, professor, historiador, sociólogo e crítico literário. Essa variedade de atuações reflete um homem bastante culto, característica verificável em sua *História da literatura brasileira*, lançada em 1888, que contém, em seus primeiros volumes, reflexões sobre diversos assuntos. Essa abordagem ampla e variada serve a um fim bastante específico: a literatura é

vista pelo autor como consequência de fatores culturais e naturais, como as condições proporcionadas pelo meio de produção de uma obra. Sua obra se destaca também por apresentar diversos traços de subjetividade, pois, além do caráter informativo inerente ao gênero historiográfico, nota-se que o sujeito Romero, em suas opiniões e valores, não se deixa apagar. Essa postura, entretanto, parece-nos contraditória ao objetivo cientificista de seu trabalho – o autor busca explicar os fenômenos literários e culturais sempre a partir da influência de “forças” naturais e sociais sobre estes.

Romero apresenta uma abordagem interessante de Gonçalves Dias, tema do capítulo “Segunda fase do romantismo e seu momento culminante: o indianismo de Gonçalves Dias”, integrante do terceiro tomo de sua *História*. Para julgar a obra de Dias, o autor mantém o paradigma que rege seu trabalho de forma geral: “deve-se apontar a ação do meio físico e social, a parte da *natura* e a parte de *cultura*, insistir nos elementos hereditários acumulados na *raça*, e os elementos novos provenientes da *educação científica*” (ROMERO, 1953: 1000, grifo do autor). Em relação à literatura nacional brasileira, ele destaca que “São, pois, o gênio, a fôrça primeira do *brasileiro*, e não os do *gentio*, que devem constituir a poesia, a literatura nacional” (ROMERO, 1953: 1005). Ou seja: deve-se valorizar o que é obra dos mestiços, raça propriamente brasileira, em sua perspectiva. Por isso, Romero relega a segundo plano as características formais da obra de Dias, adotando o critério etnográfico como base da compreensão da obra do poeta e das literaturas em geral: “o critério etnográfico [...] é ainda hoje a meus olhos a base principal da compreensão das literaturas, nomeadamente a literatura de um povo misturado como o povo brasileiro” (ROMERO, 1953: 1002). Por isso, a abordagem da obra de Gonçalves Dias se dá basicamente a partir da consideração de sua raça e dos meios formadores do poeta – Maranhão e Coimbra. A mestiçagem de Dias, segundo o autor, seria transposta para seus textos, que se destacam por apresentarem características africanas, indígenas e portuguesas:

Nosso poeta aos africanos, [...] deveu aquela expansibilidade de que era dotado, aquela ponta de alegria que não o deixou jamais e que especialmente noto em suas cartas.

Aos indígenas, as melancolias súbitas, a resignação, a passividade com que suportava os fatos e acontecimentos, deixando-se ir ao sabor deles.

Aos portugueses deveu o bom-senso, a nitidez e clareza das idéias, a religiosidade que o não abandonou jamais, a energia da vontade, as preocupações fantasiosas, um certo idealismo mórbido e impalpável (ROMERO, 1953: 1001).

As temáticas adotadas pelo poeta também se referem às três raças que compõem a sociedade brasileira: “o poeta [...] deixou-se influir pela vida dos

selvagens, como em *I-Juca-Pirama* e dez outras composições; pelas tradições portuguesas, como nas *Sextilhas de Frei Antão* e em *Leonor de Mendonça*; pelos sofrimentos dos escravos pretos, como na *Escrava* e na *Meditação*” (ROMERO, 1953: 1003). Além disso, Dias abordou tematicamente a vida dos mestiços.

Em relação à estética, Gonçalves Dias é considerado por Romero o inaugurador, junto a José de Alencar, da segunda fase do Romantismo brasileiro. Os autores se aproximam, segundo o autor, pelo indianismo<sup>1</sup> e pela defesa de um projeto de literatura nacional, desvinculada dos moldes portugueses. Além disso, ambos são detentores de uma obra que transita por diversos gêneros, dos quais o mais valorizado por Romero, no caso de Dias, é a lírica. Os outros gêneros também são abordados: a produção teatral da juventude de Dias não possui a qualidade de sua lírica, mas revela seu talento, e sua produção em prosa é avaliada positivamente por consistir em ensaios de “estilo claro, simples e harmonioso” (ROMERO, 1953: 1025) sobre a história brasileira. Quanto aos elementos predominantes à obra do poeta, o historiógrafo cita, em síntese, o retrato da paisagem brasileira. Apesar de exaltá-lo como um dos maiores poetas em língua portuguesa, Romero critica seu uso da linguagem, considerando-o pouco brasileiro, no que tange à língua e ao estilo, o que é causado pela mestiçagem estética que caracteriza sua escrita.

Apesar das considerações formais sobre sua obra (destacando-se, sempre, o tratamento de certos temas), o que percebemos é que Gonçalves Dias é valorizado muito mais por sua origem e por sua raça – logo, por sua representação social – que por sua produção. Isso fica claro em um dos parágrafos finais do texto, em que Romero sintetiza sua avaliação sobre Gonçalves Dias; nele, não há qualquer menção à forma de seus textos, apenas a sua pessoa:

mostrei a *formação* biológica do talento de Gonçalves Dias, indicando o que êle deveu às *raças* que o formaram e o *meio* em que viveu, isto é, encarei-o no seu desenvolvimento *ontogenético* e em suas relações com a *filogenia* dos povos de que descende, não esquecendo a *adaptação* ao meio de Coimbra, do Maranhão e do Rio, onde viveu principalmente (ROMERO, 1953: 1027).

---

<sup>1</sup> Sílvia Romero opunha-se ao indianismo, apesar de reconhecer sua importância para a formação de uma literatura nacional: “Eu não sou e nunca fui indianista. [...] Mas êsse velho, e por mim tão maltratado indianismo, teve um grande alcance: foi uma palavra de guerra para unir-nos e fazer-nos trabalhar por nós mesmos nas letras” (ROMERO, 1953: 998). Ele considera as obras de caráter indianista de Dias e de Alencar suas melhores produções, mas, em seu ponto de vista, a poesia “puramente indianista” não poderia ser considerada nem brasileira, nem indígena. Além disso, o autor critica o retrato dos índios como heróis, pois, a seu ver, eles não possuem o sentimento nacional que deveria ser tomado como parâmetro para a atribuição de um papel tão importante nos textos.

## ANTONIO CANDIDO

Antonio Candido é um dos estudiosos e críticos de literatura mais renomados do cenário brasileiro. Formado em Filosofia e Doutor em Sociologia, o diálogo realizado por ele entre as suas áreas originárias e os estudos literários fez com que formulasse uma teoria que embasa, hoje, diversas pesquisas nesta área.

O conceito de literatura de Candido, apresentado no livro *Formação da literatura brasileira* (1959), está relacionado à ideia de sistema: a literatura é considerada “um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase” (CANDIDO, 2000: 23). Os denominadores a que o crítico se refere são especificamente três:

a existência de um conjunto de *produtores literários*, mais ou menos conscientes do seu papel; um *conjunto de receptores*, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um *mecanismo transmissor* (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros (CANDIDO, 2000: 23, grifo meu).

Quando há a integração nesse sistema, produz-se uma continuação literária, uma influência de uns autores sobre os outros, ou seja, forma-se uma tradição – outro elemento caro ao sistema de Candido – de estilos, temas, formas e preocupações. Na perspectiva do crítico, só podemos admitir a existência de um sistema em nossa literatura a partir da data convencional de 1750, ou seja, apenas com os árcades mineiros. Antes disso, havia apenas manifestações literárias.

Candido considera a literatura brasileira não necessariamente desvinculada da portuguesa, mas como um ramo desta. Essa questão não lhe é central, pois sua preocupação está muito mais relacionada à definição da literatura como um “fenômeno de civilização” (CANDIDO, 2000: 28), e não necessariamente com a sua relação com a metrópole colonial. Porém, o autor não deixa de observar que a independência de nossa produção da portuguesa teria iniciado com Alencar e com Gonçalves Dias. Uma vez que a obra deste é considerada parte de nossa literatura, ela está integrada em um sistema, e é a partir desse viés sistemático que a obra do poeta será avaliada.

Segundo Candido, Dias é um produtor de uma tradição, pois “Contribui ao lado de José de Alencar para dar à literatura, no Brasil, uma categoria perdida desde os árcades maiores e, ao modo de Cláudio Manuel, *fornece aos sucessores o molde, o padrão a que se referem como inspiração e exemplo*” (CANDIDO, 1975: 81, grifo meu); a obra do poeta possui, portanto, um caráter fundador: “a maioria dos poetas e mesmo jornalistas considerava Gonçalves Dias, desde meados do século, como o

verdadeiro criador da literatura *nacional*” (CANDIDO, 1975: 81, grifo do autor) – ideia reforçada por expressões como “inspiração para os novos”, “grandeza de pioneiro” e “criador da poesia nacional”. De fato, ele tanto é fundador que “nele as novas gerações aprenderam o Romantismo” (CANDIDO, 1975: 83), que sua representação do índio “criou [...] uma convenção poética” (CANDIDO, 1975: 84) e que sua obra contém “o *germe* de certos desequilíbrios *que as gerações seguintes cultivarão*” (CANDIDO, 1975: 83, grifo meu.). Além de fundar uma tradição, ele derivou de uma, a *árcade*, melhorando-a, de certa forma: deve-se considerar “a continuação nele, da posição *arcádica* de integrar as manifestações de nossa inteligência e sensibilidade na tradição ocidental. [...] ele enriqueceu esta tradição, ao lhe dar novos ângulos para olhar os seus velhos problemas estéticos e psicológicos” (CANDIDO, 1975: 89).

O indianismo de Gonçalves Dias tem, na perspectiva de Candido, forte influência do medievalismo português. O índio por ele construído, entretanto, é visto como uma figura, de certa forma, ocidentalizada e sua representação é vista como convencional e geral, ignorando as particularidades existentes no meio indígena. Isso, entretanto, não desmerece sua obra:

Sendo recurso ideológico e estético, elaborado no seio de um grupo europeizado, o indianismo, longe de ficar desmerecido pela imprecisão etnográfica, vale justamente pelo caráter convencional; pela possibilidade de enriquecer processos literários europeus com um *temário* e imagens exóticas, incorporados deste modo à nossa sensibilidade (CANDIDO, 1975: 85).

Em relação à estética de seus poemas, nota-se, na avaliação do crítico, uma atenção especial ao ritmo, relacionando-se sua produção constantemente com a música. A formalidade é tão importante que é esse o critério adotado para criticar negativamente o poema *Os Timbiras*, apesar de seu objetivo épico de afirmação da identidade nacional. Nisso, vê-se como a crítica de Candido é equilibrada em aspectos sociais e estéticos, sem que sua formação sociológica fale mais alto em suas avaliações, concordando com seu método de trabalho: ele julga que deve-se “apreender o fenômeno literário da maneira mais significativa e completa possível, não só averiguando o sentido de um contexto cultural, mas procurando estudar cada autor na sua integridade estética” (CANDIDO, 2000: 29).

É interessante o comentário realizado em relação à linguagem utilizada por Dias. Candido defende que, mesmo que o poeta recorra a elementos típicos de Portugal, essa é uma questão que deve ficar em segundo plano:

Não se justifica entretanto a assertiva que é um poeta *português*; a sua ligação mais visível com a sintaxe e mesmo o léxico de além-mar, é de importância secundária em face da sua funda apreensão da sensibilidade e do gosto brasileiros – já a essa altura diversos do português. Mesmo no terreno das influências literárias, que sofreu de perto, a sua originalidade fica ressalvada pela superioridade (CANDIDO, 1975: 88).

Assim, o que temos, na análise de Antonio Candido, é uma crítica equilibrada entre aspectos sociais e estéticos: a obra de Gonçalves Dias é avaliada a partir de seu impacto nas gerações futuras de poetas, sem se deixar de valorizar o trabalho puramente artístico do poeta.

## JOSÉ GUILHERME MERQUIOR

José Guilherme Merquior foi um crítico literário, ensaísta, diplomata e sociólogo. Além disso, integrou a Academia Brasileira de Letras, provável resultado de suas diversas publicações relacionadas à literatura e a seu estudo – além de algumas de caráter filosófico e político, assuntos nos quais também se destacava.

No texto “Ao leitor”, Merquior esclarece que seu *De Anchieta a Euclides* (1977) obedece a três preceitos críticos: a acessibilidade, a seletividade e o senso da forma. O primeiro está relacionado ao público e à circulação do texto, consistindo na tentativa de fazer do livro um material linguisticamente acessível; assim, o autor pretendeu atrair não só os especialistas interessados, mas também o público em geral, de forma a “restabelecer o diálogo entre os estudos literários e o homem sensível da cultura média” (MERQUIOR, 1977: ix) O segundo se relaciona ao *corpus* da obra, que consiste nos principais autores brasileiros, escolhidos a partir de seu aparecimento na crítica, ou seja, de sua consagração. O terceiro consiste na forma de análise das obras referidas: “focalizar a interpretação crítica na estrutura mesma do texto literário” (MERQUIOR, 1977: x); logo, as obras são avaliadas por suas particularidades estéticas. Merquior observa que, apesar da ênfase nos aspectos formais, tal forma de avaliação é apenas um ponto de partida, pois deve-se considerar também aspectos extratextuais, como história e cultura. Essa posição baseia-se na afirmação de que o texto literário só adquire significado quando em um contexto, tanto histórico quanto de gênero e de estilo. A metodologia adotada, entretanto, é mais formal que histórica:

tive a preocupação de definir cada período da história da nossa literatura em termos rigorosamente estilísticos (sem prejuízo, é claro, de sua estreita correlação com as tendências sociais e

culturais contemporâneas). Sendo as letras brasileiras uma região da literatura ocidental, começaremos sempre por individualizar essas categorias epocais que são os estilos artísticos (barroco, neoclássico, romantismo, etc.) ao nível da sua acepção genérica, transnacional – isolando em seguida os traços específicos adquiridos por cada estilo no âmbito da cultura brasileira (MERQUIOR, 1977: x-xi).

Segundo o autor, se não fosse a produção de Gonçalves Dias, entre os anos 1836 e 1851, não haveria nenhum grande escritor no contexto brasileiro. Antes da publicação de seus *Primeiros Cantos*, alguns autores se destacavam, mas, após o surgimento de Dias no cenário literário, todos foram apagados. Isso resulta, segundo Merquior, da riqueza simbólica e da plasticidade musical de seus versos. O crítico destaca também que Dias tem uma produção, em certos aspectos, muito atrelada ao sentimento de nacionalidade; disso resultou a “lírica popular e nacional por excelência, a voz poética do nosso ego coletivo – a ‘Canção do Exílio’, murmúrio obsessivo da predileção pela pátria, signo da metamorfose do tema universal do exílio em saudade brasileiríssima” (MERQUIOR, 1977: 69).

No trecho em que trata da obra do poeta, Merquior parece perder-se, em parte, de seu método de avaliação. Os critérios estéticos se fazem presentes, sendo a valorização da obra do poeta feita basicamente a partir das referências a estes, principalmente no que tange à construção rítmica dos poemas, entretanto, ao invés de associá-los a questões culturais e de época, o crítico restringe-se a explicar, em alguns momentos, a produção dos poemas a partir de acontecimentos biográficos ou de traços de personalidade do poeta. Assim, seu método cumpre-se apenas até certo ponto, pois seu objetivo de produzir um texto acessível a diversos públicos se realiza, uma vez que a atenção formal à obra interessa a especialistas e que as referências biográficas despertam o interesse do leitor comum.

## ALEXEI BUENO

Alexei Bueno é, além de editor e ensaísta, poeta, tendo já publicado diversas obras. Assim, justifica-se sua opção em trabalhar com o gênero poético em específico em seu *Uma história da poesia brasileira* (2007). Sua visão do consumidor de poesia é elitista: o autor defende-a como uma arte requintada, exigente de uma sensibilidade que poucos têm – inclusive no meio crítico. Quanto à atividade crítica de poesia, Bueno defende que esta deve ser o mais destituída possível de idiosincrasias pessoais, apesar de sua inexistência completa ser impossível. O impressionismo inerente à avaliação está, segundo o autor, em uma sensibilidade tal que torna

inexplicável, muitas vezes, a qualificação positiva de uma obra – ele se coloca, assim, como integrante de um grupo intelectual específico.

O objetivo de *Uma história* é servir como um guia para o leitor; para tanto, o autor se propõe a “traçar uma linha histórica da poesia brasileira com o mínimo de idiossincrasias, e com uma visão aguda de cada autor dentro de sua própria visão do mundo, sua época e estilo” (BUENO, 2007: 11). Quanto à metodologia, o crítico afirma que o ponto de vista adotado “é estético, não sociológico ou outros, ainda que não haja obra independente de sua moldura sócio-temporal” (BUENO, 2007: 12). Por isso, são levados em consideração também fatores biográficos à produção das obras e dos textos, desde que isso seja conveniente. Além disso, a fim de servir ao critério estético, o autor opta por citar largamente (e com certo exagero) os poetas abordados.

Quanto a sua avaliação da obra de Gonçalves Dias, julgamo-la bastante superficial. O crítico coloca o poeta junto a Manuel de Araújo Porto-Alegre, Gonçalves de Magalhães e Castro Alves como um dos grandes autores da primeira poesia romântica, admitindo a ele o título de poeta nacional e considerando a publicação de seu *Primeiros Cantos* um marco do nascimento da grande poesia romântica no Brasil. Ao tratar da produção de Dias, as questões estéticas são pouco abordadas e, quando isso é feito, é de maneira sintética, seguida de longas passagens de poemas que são citados como prova dos itens descritos, mas não comentadas. Os traços abordados são o ritmo e a linguagem, sobre a qual o autor afirma: “Se, por um lado, provavelmente pela herança lusitana, sua sintaxe é das mais puras, mais castiças, por outro, na prosódia, lança mão de processos tipicamente brasileiros” (BUENO, 2007: 73). A biografia é referida de forma um pouco excessiva, e dela Bueno destaca como importante na produção do poeta apenas o período de permanência em Portugal, pois foi lá que produziu, entre outros textos, “Canção do exílio”, considerado um símbolo pátrio pelo crítico. A abordagem biográfica é feita também para explicar alguns poemas: “Dizem que sua origem [a de *Sextilhas de Frei Antão*] teria sido uma crítica do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro à pureza de linguagem de uma das peças de Gonçalves Dias, que em resposta teria escrito esse virtuosístico exercício para demonstrar o contrário” (BUENO, 2007: 66). Cabe destacar também que Bueno relaciona a origem de Dias com uma de suas preocupações temáticas, o indianismo: “Descendente, sem dúvida alguma, de índios, como a maioria da população brasileira, além das outras duas raças formadoras da nacionalidade, seu interesse pelas questões dos autóctones americanos sempre foi das mais sinceras” (BUENO, 2007: 66). Por isso, talvez, o crítico considere *Os Timbiras* “o que de mais realizado nos deixou no gênero o Romantismo, ainda que inacabado” (BUENO, 2007: 72).

Assim, abordagem realizada por Bueno da obra de Gonçalves Dias não é de muito sucesso, pois se restringe à mera apresentação dos poemas, sem realizar grandes comentários, e a informações biográficas. Mesmo que a poesia seja algo que exija muito mais sensibilidade que explicações, ao propor a apresentação de um autor que teve papel fundador na literatura nacional em diversos aspectos, inclusive no linguístico, não se pode ignorar uma análise formal mais atenta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos textos discutidos, podemos concluir que a valorização da obra de Gonçalves Dias se dá a partir de duas perspectivas: uma histórica e/ou biográfica e outra formal.

Os autores que adotam uma perspectiva histórica e/ou biográfica são Silvio Romero e Alexei Bueno. Romero apresenta uma abordagem etnográfica, concordando com seu momento de enunciação, próximo à abolição da escravidão, em que as discussões sobre questões raciais eram fortes. Essa abordagem está vinculada também ao desejo de afirmação de uma identidade nacional, que o historiógrafo identifica na mestiçagem, traço de Gonçalves Dias – tanto em sua origem biológica quanto em sua produção poética, que assimila traços (inclusive linguísticos) das culturas que compõem a brasileira. Bueno também aborda a obra do poeta por um viés biográfico, no sentido de atentar mais a essa questão que à formal – no que acaba, de certa forma, contradizendo-se em relação aos métodos que propõe. A valorização de Dias é, nesse caso, dada por seu caráter nacional – que é representado, na perspectiva de Bueno, principalmente pelo poema “Canção do exílio” e pela temática indígena, retomando a cultura de um dos nossos povos de origem – e, esteticamente, pelo ritmo e pela linguagem, traços que possuíam características distintas, refletindo nossa forma de expressão, e não mais a estrangeira. Quanto à crítica mais formal, esta é adotada por Antonio Candido e por José Guilherme Merquior. Candido considera Dias um grande autor, principalmente em seu papel como assimilador e fundador de uma tradição, servindo, assim, de peça essencial para o sistema que o crítico propõe. Essa tradição se dá principalmente no âmbito formal, no qual se destaca o tratamento dado ao ritmo dos poemas. Merquior concorda com Candido ao admitir como método de avaliação a avaliação estética, de fato preferindo-lhe a uma abordagem mais social da obra do poeta.

Disso, levantamos a hipótese de que Gonçalves Dias figura na maioria das histórias da literatura brasileira por sua importância na caracterização de uma poesia nacional, no seu contexto de produção, não só quanto à temática, mas também quanto

à formalidade – o ritmo e a linguagem de seus poemas possuem um tom “brasileiro”, o que não se percebia antes, quando a poesia era fortemente dominada por paradigmas estrangeiros. Essa é a ideia que está também no cerne mesmo daquelas histórias que avaliam o poeta a partir de sua biografia, pois mesmo estas consideram sua figura uma representação do típico brasileiro e/ou julgam que é partir do seu sentimento particular de nacionalismo que o faz produzir uma poesia genuinamente nossa.

## REFERÊNCIAS

BUENO, Alexei. *Uma história da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2007. p. 9-14; 54-73.

CANDIDO, Antonio. Gonçalves Dias consolida o romantismo. In: \_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975. v. 2, p.81-96.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. v. 1, p. 23-37 (Coleção Reconquista do Brasil, v. 177-178). Disponível em:

<<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2013/08/117023824-candido-antonio-formacao-da-literatura-brasileira-vol-1-e-2.pdf>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

MERQUIOR, José Guilherme. Ao leitor. In: \_\_\_\_\_. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira – I*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. (Coleção Documentos brasileiros, v. 182). p. ix-xi.

\_\_\_\_\_. Dos pré-românticos a Gonçalves Dias. In: \_\_\_\_\_. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira – I*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. (Coleção Documentos brasileiros, v. 182). p. 56-70.

ROMERO, Silvio. Segunda fase do romantismo e seu momento culminante: o indianismo de Gonçalves Dias. In: \_\_\_\_\_. *História da literatura brasileira*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. t. 3, p. 997-1028.